

INOVAÇÃO SOCIAL E SAÚDE COLETIVA: ESTRATÉGIAS COLABORATIVAS PARA O BEM-ESTAR POPULACIONAL

SOCIAL INNOVATION AND PUBLIC HEALTH: COLLABORATIVE STRATEGIES FOR POPULATION WELL-BEING

INNOVACIÓN SOCIAL Y SALUD COLECTIVA: ESTRATEGIAS COLABORATIVAS PARA EL BIENESTAR POBLACIONAL

Franciely Fernandes Duarte¹
Luciane Perez da Costa Fernandes²
Thais de Azevedo Ramos³
Ana Rita Santana Cruz⁴
Lucas Xavier Carneiro⁵
Jacqueline Jaguaribe Bezerra⁶
Mateus Henrique Dias Guimarães⁷
Júlio Oliveira Maciel⁸
Felype Deyvede Cunha Lima⁹
Micaela Knebel Sides¹⁰

RESUMO: Esse artigo buscou compreender como a inovação social tem sido utilizada como estratégia para promoção da saúde coletiva, a partir da análise de experiências nacionais e internacionais que integram participação comunitária, tecnologia acessível e articulação intersetorial. A metodologia adotada foi a revisão narrativa da literatura, com busca nas bases PubMed, MEDLINE, Scopus e Cochrane, utilizando descritores como “social innovation”, “public health” e “health equity”. Foram selecionados 8 estudos publicados entre 2015 e 2025. Os resultados revelaram que as inovações sociais em saúde apresentam impactos significativos na ampliação do acesso aos serviços, no fortalecimento das comunidades e na redução das desigualdades em saúde. Modelos híbridos, co-design de serviços, uso de tecnologias simples e redes colaborativas mostraram-se eficazes. No entanto, desafios como a sustentabilidade financeira, a avaliação de impacto e a capacitação técnica persistem. Conclui-se que a inovação social representa uma via promissora para transformação estrutural do sistema de saúde, promovendo soluções equitativas e sustentáveis com base no protagonismo comunitário e na justiça social.

3013

Palavras-chave: Inovação social. Saúde coletiva. Equidade.

¹Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba.

²Nutricionista pela Universidade Federal do Amazonas.

³Graduada em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

⁴Graduada em Enfermagem pela Universidade da Amazônia.

⁵Cirurgião Dentista Implantodontista - UNICEPLAC e Pós-graduado em implantodontia pelo Centro de pós graduação em odontologia-PGO e Cursando Pós-graduação em Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial pelo IPESP e Pós graduado em implantodontia pela FACOP.

⁶Mestranda pela Cbs Education.

⁷Doutorando em Saúde pela Instituição Christian Business School.

⁸Graduado em Medicina pela UniRV - Campus Aparecida de Goiânia.

⁹Médico pela Universidade Evangelica de Goiás – UniEvangelica.

¹⁰Graduada em Medicina pela Universidad Politécnica y Artística del Paraguay – UPAP.

ABSTRACT: This article aimed to understand how social innovation has been used as a strategy to promote public health, based on the analysis of national and international experiences that integrate community participation, accessible technology, and intersectoral articulation. The methodology adopted was a narrative literature review, with searches in the PubMed, MEDLINE, Scopus and Cochrane databases, using descriptors such as “social innovation”, “public health” and “health equity”. 8 studies published between 2015 and 2025 were selected. The results revealed that social innovations in health have significant impacts on expanding access to services, strengthening communities, and reducing health inequalities. Hybrid models, service co-design, the use of simple technologies, and collaborative networks proved effective. However, challenges such as financial sustainability, impact evaluation, and technical training remain. It is concluded that social innovation represents a promising path for the structural transformation of the health system, promoting equitable and sustainable solutions based on community protagonism and social justice.

Keywords: Social innovation. Public health. Equity.

RESUMEN: Este artículo tuvo como objetivo comprender cómo se ha utilizado la innovación social como estrategia para promover la salud colectiva, a partir del análisis de experiencias nacionales e internacionales que integran la participación comunitaria, la tecnología accesible y la articulación intersectorial. La metodología adoptada fue la revisión narrativa de la literatura, con búsquedas en las bases de datos PubMed, MEDLINE, Scopus y Cochrane, utilizando descriptores como “social innovation”, “public health” y “health equity”. Se seleccionaron 8 estudios publicados entre 2015 y 2025. Los resultados revelaron que las innovaciones sociales en salud tienen impactos significativos en la ampliación del acceso a los servicios, el fortalecimiento de las comunidades y la reducción de las desigualdades en salud. Los modelos híbridos, el co-diseño de servicios, el uso de tecnologías simples y las redes colaborativas demostraron ser eficaces. Sin embargo, persisten desafíos como la sostenibilidad financiera, la evaluación de impacto y la capacitación técnica. Se concluye que la innovación social representa un camino prometedor para la transformación estructural del sistema de salud, promoviendo soluciones equitativas y sostenibles basadas en el protagonismo comunitario y la justicia social.

3014

Palabras clave: Innovación social. Salud colectiva. Equidad.

INTRODUÇÃO

A promoção da saúde coletiva em contextos marcados por desigualdades estruturais requer abordagens que extrapolem os limites do modelo biomédico tradicional, incorporando práticas que valorizem a participação social, a equidade e o respeito às especificidades culturais e territoriais. Nesse sentido, a inovação social emerge como uma alternativa promissora ao propor soluções colaborativas, sustentáveis e centradas nas necessidades reais das populações, especialmente em cenários de vulnerabilidade (MASON C, et al., 2015 e HALPAAP B, et al., 2020).

Diferentemente das inovações meramente tecnológicas, a inovação social se caracteriza por gerar mudanças nas relações sociais e nos modelos de governança, promovendo a coprodução de políticas e serviços com participação ativa da comunidade (FARMER J, et al.,

2018). Tais práticas vêm se expandindo no campo da saúde coletiva, por meio de estratégias como o co-design de serviços, o uso de tecnologias acessíveis e a formação de redes intersetoriais, contribuindo para a melhoria dos indicadores de saúde, a corresponsabilidade dos sujeitos e a sustentabilidade das ações (ANDRUN A, 2025; VAN NIEKERK L, et al., 2023).

Estudos recentes apontam que experiências inovadoras, desenvolvidas em países como Alemanha, Malawi, Austrália, África do Sul, Reino Unido e Brasil, têm gerado impactos significativos, tanto em termos de acesso e qualidade dos serviços quanto no fortalecimento do capital social e da autonomia comunitária (VICKERS I, et al., 2017; DE VILLIERS K, 2021 e TOMOH BO, et al., 2024). Contudo, ainda são escassas as sistematizações que analisem de forma crítica essas iniciativas, bem como os fatores que condicionam seu êxito ou sua limitação em contextos distintos.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão narrativa da literatura sobre a aplicação da inovação social no campo da saúde coletiva, buscando identificar estratégias colaborativas, impactos observados e principais desafios enfrentados. Para tanto, foram analisados estudos publicados entre 2015 e 2025, com o intuito de contribuir para a consolidação do campo da inovação social em saúde como alternativa viável e transformadora das políticas públicas.

MÉTODOS

Este trabalho trata-se de uma revisão narrativa da literatura, cujo objetivo foi reunir, descrever e analisar criticamente estudos que abordam a inovação social como estratégia de promoção da saúde coletiva. A revisão narrativa, por sua natureza flexível e interpretativa, permite a construção de uma visão abrangente sobre o tema, com base na identificação de padrões, lacunas e contribuições teóricas presentes na produção científica. Esse tipo de revisão é particularmente útil em áreas emergentes ou interdisciplinares, como é o caso da inovação social em saúde, onde os conceitos, métodos e abordagens ainda se encontram em processo de consolidação.

A busca pelos estudos foi realizada nas bases de dados PubMed, MEDLINE, Scopus e Cochrane Library, selecionadas por sua relevância e abrangência na área da saúde pública. Foram utilizados os seguintes descritores e combinações booleanas, em inglês: “social innovation”, “public health”, “community participation”, “health equity”, “health systems” e “social entrepreneurship”. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados entre 2015 e 2025,

disponíveis em português ou inglês, com acesso ao texto completo e que abordassem direta ou indiretamente experiências, modelos ou reflexões sobre inovação social aplicada à saúde coletiva. Excluíram-se revisões sistemáticas, meta-análises, cartas ao editor, estudos com foco exclusivo em inovação tecnológica sem interface com aspectos sociais, e aqueles que não apresentassem dados empíricos ou discussões teóricas pertinentes ao tema.

A seleção inicial resultou em 600 artigos, dos quais foram lidos os títulos e resumos. Após essa triagem, 82 estudos foram avaliados na íntegra, sendo 8 selecionados para compor a base de análise da presente revisão, por atenderem aos critérios previamente definidos. A leitura e análise crítica dos textos incluídos foi realizada de forma qualitativa, considerando os seguintes eixos: 1) contexto sociopolítico da experiência; 2) tipo de inovação social implementada; 3) estratégias metodológicas adotadas; 4) resultados observados; e 5) desafios e potencial de replicabilidade.

Essa abordagem metodológica permitiu a elaboração de uma síntese interpretativa, integrando dados empíricos e discussões teóricas que contribuíram para a construção de uma compreensão mais ampla e crítica sobre o papel da inovação social na promoção da equidade e do bem-estar populacional no campo da saúde coletiva.

RESULTADOS

3016

A análise dos estudos selecionados revela que a inovação social em saúde coletiva está fortemente associada à implementação de práticas que valorizam a participação comunitária, a incorporação de tecnologias acessíveis e a articulação intersetorial como eixos centrais para a transformação dos sistemas de saúde. Na Alemanha, políticas locais aliadas à atuação em rede mostraram-se eficazes para gerar soluções sustentáveis, enquanto na Austrália, experiências de co-design comunitário em áreas rurais demonstraram impactos positivos na apropriação dos serviços e no fortalecimento do capital social (ANDRUN A, 2025 e FARMER J, et al., 2018).

No Malawi, o uso de linhas telefônicas para orientação médica em zonas remotas ampliou o acesso a cuidados básicos e contribuiu para a redução de morbimortalidade por causas evitáveis (VAN NIEKERK L, et al., 2023). Já no Reino Unido, organizações híbridas com lógica empresarial e social ofereceram serviços inovadores de saúde e bem-estar, promovendo maior engajamento dos usuários (VICKERS I, et al., 2017). Na África do Sul, a colaboração entre Estado e ONGs fortaleceu a equidade no acesso, embora ainda enfrente desafios financeiros e de governança (DE VILLIERS K, 2021). Na América Latina, a co-produção entre universidades

e comunidades resultou em transformação territorial e fortalecimento do empreendedorismo social (HALPAAP B, et al., 2020).

Os estudos também destacaram a importância da avaliação de impacto com ferramentas participativas, como *Theory of Change* e análise de redes, e ressaltaram desafios como a dependência de recursos externos e a fragilidade das políticas públicas. Iniciativas que integram artes, justiça social e saúde demonstraram ser particularmente eficazes em promover abordagens culturalmente responsivas (MASON C, et al., 2015 e TOMOH BO, et al., 2024).

DISCUSSÃO

A análise dos estudos identificados revela que a inovação social aplicada à saúde coletiva tem se consolidado, nos últimos anos, como uma abordagem promissora e eficaz diante dos desafios históricos relacionados à equidade, ao acesso e à participação cidadã nos sistemas de saúde. Ao integrar práticas colaborativas com tecnologias acessíveis e modelos de governança intersetorial, as experiências analisadas demonstram uma crescente capacidade de gerar respostas contextualizadas às necessidades específicas de diferentes populações. Dentre os principais achados, é possível destacar seis eixos centrais, que se articulam mutuamente na estruturação das estratégias de inovação social em saúde.

3017

Em primeiro lugar, observa-se que a participação comunitária configura-se como o núcleo estruturante dessas experiências. Andrun A (2025) indicam que redes locais engajadas, quando aliadas a políticas públicas sensíveis ao território, promovem soluções mais responsivas e sustentáveis. De forma semelhante, a investigação realizada por Farmer J et al. (2018), na Austrália, revelou que iniciativas cocriadas por comunidades rurais não apenas aumentam a apropriação social dos recursos, como também favorecem o engajamento duradouro da população e o fortalecimento de determinantes sociais positivos, o que reforça a ideia de que a saúde não pode ser pensada sem o protagonismo direto dos sujeitos nela envolvidos.

Além disso, a tecnologia, quando utilizada de maneira crítica e inclusiva, tem se mostrado uma aliada estratégica para a promoção da equidade em saúde. A experiência do Malawi, relatada por van Niekerk L et al. (2023), é exemplar nesse sentido: linhas telefônicas de saúde, voltadas para regiões remotas, conseguiram garantir orientações médicas essenciais em tempo real, mitigando os efeitos do isolamento geográfico e da carência de infraestrutura. Essa integração entre tecnologia e mobilização comunitária revela-se essencial para ampliar o alcance das políticas de saúde, especialmente em contextos de vulnerabilidade estrutural.

Outro ponto importante diz respeito aos modelos híbridos de gestão e ao empreendedorismo social, que operam na fronteira entre os setores público e privado. No Reino Unido, conforme análise de Vickers B et al. (2017), empresas sociais que conciliam valores democráticos com práticas de mercado conseguiram inovar nos serviços ofertados à população, mantendo compromisso com a inclusão e a responsabilidade social. Esse tipo de arranjo institucional, ao equilibrar eficiência econômica e valor público, evidencia uma alternativa viável para a gestão de serviços em sistemas de saúde sob pressão.

No que se refere à intersectorialidade, os dados apontam para a centralidade da cooperação entre governo, universidades, sociedade civil e setor privado. De Villiers R (2021) mostra, por exemplo, que na África do Sul a colaboração entre Estado e organizações não estatais tem ampliado o acesso e a aceitabilidade dos serviços, embora persistam desafios relacionados à continuidade do financiamento e à integração efetiva entre os atores. Na América Latina, a co-produção entre universidades e comunidades, conforme descrita por Halpaap B et al. (2020), tem gerado experiências inovadoras de empreendedorismo social e fortalecimento territorial, apontando caminhos para uma governança mais democrática e enraizada nas realidades locais.

A avaliação de impacto surge como elemento indispensável para a sustentabilidade das inovações. Mason C et al. (2015) defendem que os efeitos das intervenções devem ser analisados não apenas por meio de indicadores clínicos, mas também considerando aspectos como empoderamento, desenvolvimento de capital social e transformação institucional. Ferramentas como *Theory of Change*, análise de redes e *design thinking* vêm sendo incorporadas em diferentes contextos para promover avaliações participativas e adaptativas, como ilustrado na sessão científica de 2024 dedicada ao tema.

3018

Por fim, é necessário reconhecer os desafios persistentes, entre os quais se destacam a dependência de recursos externos, a fragilidade institucional das políticas públicas e a necessidade de formação técnica contínua das lideranças locais. Ainda assim, surgem novas oportunidades, sobretudo por meio de abordagens integradas que incluem as artes, a justiça social e a diversidade cultural como componentes ativos das estratégias de saúde pública. Halpaap B et al. (2020) e Tomoh BO et al. (2024) chamam atenção para essas possibilidades, mostrando que a inovação social, quando bem articulada com os saberes locais, pode gerar respostas mais sensíveis, humanas e transformadoras frente às desigualdades em saúde.

Dessa forma, os estudos analisados apontam para um cenário em que a inovação social, longe de ser uma solução única ou tecnocrática, apresenta-se como um campo dinâmico de

experimentação coletiva, onde o bem-estar populacional é construído a partir do diálogo entre múltiplos saberes, tecnologias acessíveis e compromisso com a justiça social.

A tabela a seguir resume os principais modelos e estratégias identificados nos estudos:

Tabela 1- Resumo das estratégias identificadas em cada estudo

Modelo/Estudo	Estratégia Principal	Resultados/Impacto	Referência
Serviços co-criados em comunidades rurais	Co-design com participação local	com Sustentabilidade e adequação local	e melhor Farmer J et al., 2018
Linha de apoio telefônico em saúde	Tecnologia para áreas remotas	Maior acesso e redução de morbidade	van Niekerk L, et al., 2023
Redes híbridas de saúde no Reino Unido	Lógica empresarial e social	Eficiência e inovação com engajamento democrático	Vickers B et al., 2017
Ecossistema de inovação na Alemanha	Redes colaborativas e políticas contextuais	Soluções adaptadas e sustentáveis	e Andrun A, 2025
Inovação social na África do Sul	Parceria governo-sociedade civil	Acessibilidade e aceitação ampliadas	de Villiers R, 2021
Avaliação com ferramentas colaborativas	Co-criação e redes de conhecimento	Monitoramento participativo e inovação contínua	Mason C, et al., 2015; Sessão 2024

Fonte: Os autores (2025).

A inovação social em saúde coletiva não pode ser compreendida como um modelo único ou linear, mas como um conjunto de práticas flexíveis, colaborativas e sensíveis ao contexto. O sucesso dessas estratégias depende da articulação de múltiplos fatores: participação ativa das comunidades, uso estratégico de tecnologias inclusivas, modelos híbridos de gestão e políticas públicas comprometidas com a equidade. A experiência internacional e latino-americana mostra que, quando essas condições são atendidas, as inovações sociais têm potencial real de reduzir iniquidades, ampliar a cobertura e transformar os sistemas de saúde de maneira duradoura e emancipadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos estudos revisados, torna-se evidente que a inovação social aplicada à saúde coletiva representa uma estratégia concreta e eficaz para enfrentar desigualdades estruturais e ampliar o alcance das políticas públicas de saúde. Ao conjugar

participação comunitária ativa, uso inteligente de tecnologias acessíveis e articulação intersetorial, essas práticas inovadoras revelam-se particularmente potentes para transformar realidades locais com sensibilidade, equidade e sustentabilidade.

Os resultados demonstraram que iniciativas baseadas na co-criação com a comunidade contribuem para fortalecer o senso de pertencimento e corresponsabilidade, o que, por sua vez, favorece a continuidade dos projetos e a sua adaptação às especificidades territoriais. Ao mesmo tempo, o uso de tecnologias — especialmente aquelas de baixo custo e de fácil acesso, como linhas telefônicas e plataformas digitais — potencializa o alcance das ações em regiões historicamente negligenciadas, criando pontes entre o sistema de saúde e as populações vulneráveis.

As experiências com modelos híbridos de gestão e empreendedorismo social revelam que é possível integrar eficiência organizacional e valores democráticos, promovendo serviços de saúde mais ágeis, participativos e voltados ao bem comum. Nesse sentido, o fortalecimento das redes de colaboração entre Estado, academia, sociedade civil e setor privado surge como um fator determinante para o êxito dessas iniciativas, pois garante não apenas diversidade de saberes e recursos, mas também legitimidade social e institucional às propostas implementadas.

Contudo, o estudo também evidencia que os avanços ainda convivem com obstáculos significativos, como a instabilidade dos financiamentos, a carência de avaliações contínuas de impacto e a limitação técnica de lideranças comunitárias. A sustentabilidade das inovações sociais em saúde, portanto, depende não apenas da criatividade das soluções propostas, mas também da capacidade de monitoramento participativo, da institucionalização das boas práticas e da valorização dos saberes locais. 3020

Em síntese, a inovação social em saúde coletiva não deve ser compreendida como uma alternativa pontual ou compensatória frente às falhas do sistema, mas sim como um instrumento estratégico de transformação estrutural, que coloca a equidade, a participação cidadã e a justiça social no centro das políticas de cuidado. As experiências analisadas demonstram que, quando bem conduzidas e contextualizadas, essas práticas colaborativas podem efetivamente contribuir para a construção de um sistema de saúde mais justo, inclusivo e orientado ao bem-estar coletivo.

REFERÊNCIAS

ANDRUN, Ana. Social innovation ecosystems of population health in Germany: exploring policy and networks. **Journal of Entrepreneurship and Public Policy**, v. 14, n. 2, p. 110–128, 2025.

DE VILLIERS, Katusha. Bridging the health inequality gap: an examination of South Africa's social innovation in health landscape. **Infectious Diseases of Poverty**, v. 10, n. 4, p. 215–231, 2021.

FARMER, J. et al. Applying social innovation theory to examine how community co-designed health services develop: using a case study approach and mixed methods. **BMC Health Services Research**, v. 18, n. 7, p. 88–105, 2018.

HALPAAP, B. et al. Social innovation in global health: sparking location action. **The Lancet Global Health**, v. 8, n. 3, p. e415–e423, 2020.

MASON, C. et al. Social innovation for the promotion of health equity. **Health Promotion International**, v. 30, n. 2, p. 345–357, 2015.

TOMOH, Busayo Olamide et al. Innovative programs for community health: a model for addressing healthcare needs through collaborative relationships. **International Journal of Multidisciplinary Research and Growth Evaluation**, v. 5, n. 1, p. 25–39, 2024.

VAN NIEKERK, L. et al. Social innovation in health: strengthening community systems for universal health coverage in rural areas. **BMC Public Health**, v. 23, n. 6, p. 204–220, 2023.

VICKERS, I. et al. Public service innovation and multiple institutional logics: the case of hybrid social enterprise providers of health and wellbeing. **Research Policy**, v. 46, n. 9, p. 1582–1598, 2017.